



A CASA DO MAGO DAS LETRAS
LIVROS ELETRÔNICOS

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

L P Baçan

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

AMOR ASSASSINO



Desde o princípio, todos afirmavam que os dois tinham tudo para serem felizes. Até porque haviam sido companheiros de infortúnio e convivido juntos num interessante triângulo onde, porém, em momento algum, haviam transgredido as regras.

Juliet era casada com Arnold Browning, que era o parceiro de Lewis, no Departamento de Polícia de Boston. Havia entrado juntos durante os dois anos que ali trabalhavam haviam sido parceiros. Arnold e Juliet casaram-se pouco antes dele entrar para a Polícia. Quando conheceram Lewis, estavam ainda em lua-de-mel.

Havia algo em Lewis que atraía Juliet, embora ela não conseguisse identificar isso. Arnold era um sujeito calmo e pacato, enquanto Lewis tinha um outro perfil, como se escondesse algo atrás do rosto sempre sorridente. Seu olhar era perturbador. Seu olhar dizia coisas que assustavam Juliet e, ao mesmo tempo, atraíam-na.

Só que se manteve fiel a Arnold, graças a sua criação católica. Mesmo quando Lewis, uma noite, aproveitando-se que Arnold estava no banho, declarou-se a Juliet, tomando-a nos braços e levando-a para um canto da cozinha.

— Sei que sente algo por mim — afirmou ele.

— Por favor, Lewis... Não posso...

— Eu vejo seu olhar... Eu vejo como ele procura o meu... Vejo seus lábios tremerem... Você me quer, Juliet... Você me deseja...

— Eu não posso trair Arnold...

— Pelo menos diga que me quer... Por favor!

— Sim, eu o quero... Oh, Deus, como eu o quero, Lewis! — confessou ela, segurando o rosto dele e beijando-o desesperadamente, com lágrimas nos olhos. — Não podemos fazer isso com ele, Lewis... Nós dois o amamos muito para fazê-lo sofrer tanto...

— Temos que pensar em nós...

— Não, temos que pensar nele — disse ela, livrando-se daqueles braços, mesmo desejando ficar neles e se perder definitivamente.

Ofegante, Lewis andou de um lado para outro da cozinha. Arnold chegou logo depois. Conversaram. Jamais suspeitaria do amigo. Sabia que Juliet lhe seria fiel até a morte.

Aquela confissão entre Juliet e Lewis tornou a vida dos dois ainda mais difícil. Os dois sabiam que se amavam e se desejavam. Para Lewis, era um tormento suportar a idéia de que a mulher que ele amava desesperadamente dormia nos braços de outro. Para Juliet, suportar o toque e fazer com Arnold só se tornava possível quando ela fantasiava que estava com Lewis.

Uma tarde, algumas semanas depois daquele encontro, fizeram um churrasco na casa de Juliet. Enquanto Arnold cuidava dos hambúrgueres e salsichas, ela e Lewis conversavam, na mesa servida sob um frondoso carvalho, onde esquilos passeavam agilmente.

— Não consigo mais suportar isso, Juliet — confessou ele, demonstrando sinais de desespero.

— Nada podemos fazer, Lewis. Eu jurei ser fiel a ele...

— Isso não existe mais, querida...

— Pode ser, mas para mim é algo sagrado, entende? Eu jurei diante de Deus e nada no mundo me fará mudar de idéia.

— Então não me resta outra escolha... — disse ele.

— O quê? — surpreendeu-se ela.

— Pedir para trocar de parceiro... Tenho de ficar afastado de você e dele, Juliet, senão fico louco... Não suporto quando ele reclama de você, como se você não fosse uma mulher perfeita... E quando ele conta detalhes da vida íntima dos dois... Eu fico à beira da loucura.

— Não, Lewis... Por favor, não faça isso! Eu preciso ao menos vê-lo, já que não podemos nos entregar um ao outro, conforme é o meu desejo.

— E por que não podemos ser felizes? Quem determina a nossa infelicidade, quando um ato de livre arbítrio de nossa parte é o bastante?

— Não conseguiríamos ser felizes, se para isso tivéssemos que tornar Arnold infeliz, Lewis. Não seria justo.

— E é justo sofreremos nós dois por causa dele?

— Eu fiz a minha escolha perante Deus, Lewis. Nada no mundo me fará mudar de idéia, entende? É assim que eu sou... Se eu fosse livre, então tudo seria diferente e eu poderia escolher e exercitar meu livre arbítrio. Agora já não posso mais fazer isso — afirmou ela, em desespero.

Lewis convenceu-se definitivamente que ela não cederia. Jamais seria sua amante. Jamais deixaria Arnold. Estava casada com ele até que a morte os separasse. Para ele que convivía diariamente com a morte, aquilo soou como uma premonição.

Ele começou, então, a pensar seriamente naquela possibilidade, a única saída para aquele amor desesperado.

Três ou quatro semanas mais tarde, os dois realizavam uma campanha próximo da Universidade de Boston, na margem do Rio Charles. Havia recebido um recado de um informante que trabalhava na zona, avisando que, naquela noite, os traficantes que agiam dentro da universidade estariam comprando uma partida de cocaína. Juntamente com o Departamento de Combate ao Tráfico de Drogas, uma operação foi montada para prender os envolvidos.

Passava um pouco da meia-noite, quando um barco subiu o rio lentamente, vindo da baía.

— Veja! — apontou Lewis.

— Acha que são eles?

— Pode ser. O que uma lancha como aquelas faz por aqui, a esta hora e nessa velocidade?

Perceberam, então, movimentação na margem do rio. Um grupo de quatro homens entrou numa lancha menor, ligou o motor e foi na direção da lancha maior.

— Observe! — disse Lewis.

— Não há dúvidas.

Pelo rádio Arnold comunicou-se com uma lancha da Guarda-Costeira, que participava da operação, com agentes federais nela.

— Vamos iniciar a abordagem, assim que a transação for feita. Se houver barulho, é possível que os compradores fujam na sua direção. Detenha-os! — informou o agente federal que chefiava a missão.

— Positivo! — respondeu Arnold, apanhando uma escopeta, calibre doze, que trazia no carro.

Verificou a carga. Lewis preferiu checar sua pistola automática, de nove milímetros. Depois de guardá-la de volta no coldre preso no quadril, ele sacou uma outra arma, um revólver. Verificou a carga, depois enfiou-o entre o corpo e o cinto.

— Para que isso? — indagou Arnold, pois era a primeira vez que via o amigo trazer duas armas daquela forma. — Não tem outra no tornozelo?

— Sim, está aqui — afirmou Lewis, levantando a barra da calça para mostrar uma terceira arma. — Só que vamos enfrentar traficantes, parceiro. Já se esqueceu que o que mais eles têm são armas? Eu, particularmente, trocaria todas estas armas curtas por um M-16. Já que isso não é possível, eu me protejo da melhor maneira.

— Quer ficar com a escopeta?

— Não, minha nove milímetros é mais rápida e mais leve.

Com seus binóculos eles acompanharam a ação. A lancha menor aproximou-se da outra lentamente. Após um pouco de conversa, jogaram uma corda para a lancha maior e dois dos homens subiram a bordo.

Os binóculos, com visor noturno, permitiram ver os dois recebendo uma sacola e passando uma maleta. Abriram, verificaram, cumprimentaram e desceram de volta para a lancha. Nesse momento, a Guarda Costeira acendeu um potente holofote, iluminando as duas embarcações, no centro do rio.

Os alto-falantes repetiram a mensagem, mandando que todos ficassem imóveis. As duas lanchas, no entanto, ignoraram os avisos. A maior virou e desceu na direção da baía. A menor rumou para a margem.

— É conosco agora — disse Arnold, saltando do carro, seguido pelo seu parceiro.

Correram para o caís, onde aguardaram a aproximação da lancha menor. A outra era perseguida pela Guarda Costeira, que em breve a alcançaria, por ser mais potente.

— Vamos esperar que eles desçam — recomendou Lewis.

— Certo — concordou Arnold, engatilhando sua escopeta.

Estavam ocultos atrás de uns tambores de aço. A lancha menor aproximou-se. Os homens nem esperaram que ela encostasse no cais e já foram saltando. O que carregava a sacola desequilibrou-se e caiu.

— A droga! — gritou ele.

— Deixe a droga e trate de correr — ordenou um dos outros.

Eles correram na direção dos dois policiais. Todos tinham armas na mão.

— Parem! — ordenou Arnold, erguendo-se.

— Tiras! — falou o homem que ia na frente, levantando a arma para disparar.

O policial foi mais rápido. Apertou o gatilho de sua arma e uma carga de esferas de aço atingiu o peito do traficante, jogando-o esparramado para trás.

O que vinha atrás dele disparou. A bala bateu no tambor, arrancando faíscas. Lewis disparou três vezes, numa seqüência rápida, fazendo-o rodopiar e cair.

O terceiro dele tinha uma arma em cada mão e foi atirando, enquanto tentava passar pelos policiais. Arnold disparou sua escopeta novamente, atingindo a barriga do outro, jogando-o para dentro do rio.

O último deles, que havia parado para recuperar a sacola de drogas, levantou as mãos e ficou imóvel, após soltar a sua arma e a sacola.

— Reviste-o e algeme-o, Lewis. Eu lhe dou cobertura.

— Certo, parceiro — concordou o outro, levando a automática na mão esquerda e sacando o revólver que trazia preso no cinto.

Deu alguns passos na direção do traficante, depois parou e se voltou para Arnold.

— Preciso lhe dizer algo, parceiro — falou, com absoluta naturalidade.

— O que é?

— Estou apaixonado por Juliet.

— Lewis, esta não é hora para brincadeiras... — riu Arnold.

— E quem está brincando? — indagou Lewis, levantando o revólver e atirando na testa de Arnold.

Os olhos do policial se arregalaram, enquanto ele caía para trás, com um rombo na parte de trás da cabeça.

O traficante estremeceu, sem entender o que estava acontecendo ali. Com absoluta frieza, Lewis apontou a automática para o peito dele e fez fogo três vezes, como costumava fazer sempre que disparava para defender a vida.

Com o peito esburacado, o marginal caiu para trás. Lewis guardou a automática, limpou o revólver com um lenço, depois o pôs na mão do marginal e disparou mais um tiro, desta vez para o alto.

Haveria marcas de pólvora na mão do cadáver para confirmar que fora o autor dos disparos.

Lewis olhou ao seu redor. Nenhuma testemunha estava por perto. Ao longe, no rio, a lancha da Guarda Costeira já havia interceptado a dos traficantes. Ele correu de volta para o carro. Fingindo desespero, ele pediu socorro imediato para seu parceiro, ferido no tiroteio com os traficantes.

Depois voltou para onde estava o corpo de Arnold. Abraçou-o e teve de fazer um esforço muito grande para que o pessoal da ambulância o encontrasse chorando.

No fundo, estava satisfeito por ter feito aquilo. Era a única forma de ter Juliet que, agora, seria livre para viver com ele e fazê-lo feliz.

Não sentiu remorso. Nem mesmo quando contou o que acontecera a Juliet, assim que ela chegou ao hospital, para onde o corpo fora levado inutilmente. Abraçado a ela, ele soluçava também, só que de felicidade.

Os amigos que os viram juntos ficaram emocionados por tamanha demonstração de amor ao falecido.

Todos foram unânimes em afirmar que o que mantivera Lewis intacto, após aquela tragédia, fora o apoio de Juliet e que ele a ajudara a suportar aquela dor terrível.

A solidariedade do casal foi tão forte e tão estreita, que Lewis não perdia uma só oportunidade de estar com ela. Já durante o funeral, quando as honras eram prestadas ao policial morto no cumprimento do dever, foi Lewis quem a amparou, quando ela começou a chorar e quase desmaiou.

Diziam que a sorte de Juliet fora ter Lewis como parceiro de seu marido e que a sorte de Lewis era ter a esposa do parceiro para ajudá-lo.

Ninguém se surpreendeu quando aquelas visitas constantes foram se tornando um hábito. Ninguém estranhou quando, seis meses depois, Lewis a levou para o Baile Anual da Polícia. Ficaram, aliás, muito satisfeitos em perceber que ambos haviam se recuperado muito bem daquela tragédia.

Juliet experimentava um novo período em sua vida, como se o destino tivesse lhe dado mais uma chance de ser feliz, desta vez com o homem certo.

Lewis era atencioso, preocupado, amoroso, cercando-a de flores e presentes inesperados, fazendo-a se sentir valorizada e sempre lembrada. Era tudo o que uma mulher esperava de um homem. Sua resistência em tornar-se amante ou esposa dele vinha sendo gradativamente demolida pelos argumentos dele.

— É muito pouco tempo desde a morte de Arnold — disse ela, na noite do baile, quando voltavam para casa.

— Já se passaram seis meses, querida. Seis meses é muito tempo. Eu não suporto mais esta situação. Quero tê-la em meus braços... Quero amá-la... Quero senti-la minha...

— Eu sou sua...

— Prove isso... Vamos transformar em realidade este sentimento que nos tem sufocado, querida. Deixe-me marcar a data do casamento... Um casamento rápido... Você tem o direito de ser feliz...

— Eu sou feliz. Você não é?

— Sim, sou, mas só me falta uma coisa...

Ela pensou por instantes. Após a morte de Arnold, sua mãe lhe dissera que deveria esperar

pelo menos um ano, até pensar em casamento novamente. Só que deveria fazer isso. Uma mulher como ela precisava de um homem para cuidar dela.

Juliet não via sua vida com qualquer outra pessoa no mundo. Apenas Lewis estava presente, quando fazia seus projetos de futuro. A única coisa que a incomodava era aquele trabalho dele. Ser policial era algo muito perigoso. Já perdera um homem, não queria perder um outro. Talvez fosse esse o principal obstáculo para ela se decidir logo. Não via como, no entanto, expor isso a ele.

— Diga que quer se casar comigo...

— Sim, eu quero me casar com você... Só não quero me casar de novo com um...

Ele a olhou de lado, depois manobrou o carro para o meio-fio, parando e encarando-a.

— Não quer se casar de novo com um policial?

— Não, Lewis, não quero. Não sei se suportaria viver esperando de novo outro telefonema no meio da noite.

— Oh, meu amor, por que não me disse isso antes? Eu posso deixar a Polícia. Você é mais importante para mim do que esse maldito emprego.

— Verdade?

— Sim, claro!

— E o que você poderá fazer?

— Há tanta coisa que um homem inteligente e destemido como eu poderia fazer. Posso ser um detetive particular ou montar uma firma de segurança... Sim, tenho um amigo que se aposentou e que me convidou para ser seu sócio. É um trabalho rentável, sem nenhum risco. Só tenho que trabalhar na organização e na distribuição de tarefas. Não precisarei me expor de forma alguma. Apenas usar a experiência e esse tipo de coisa.

— Tem certeza que pode deixar a Polícia? — insistiu ela, maravilhada.

Nada mais faltava para que fosse totalmente feliz. Ter o homem amado ao seu lado, sem aquela preocupação que sempre tivera, desde que Arnold começara a trabalhar na Polícia.

— Amanhã cedo vou falar com aquele meu amigo e depois pedir minha demissão do

Departamento. Agora, para quando posso marcar a data do casamento?

— Não sei... Minha mãe me disse que deveríamos esperar uns seis meses ainda...

— De jeito nenhum. Quinze dias. Vai ser o suficiente para eu deixar meu trabalho e me firmar no outro emprego. Vamos fazer uma viagem de lua-de-mel. Para onde você quer ir? Que tal Paris? Sim, Paris é um bom local. Vai ser maravilhoso passear com você em Paris, fazer amor com você em Paris — disse ele, entusiasmado, olhando-a nos olhos e abrindo os braços para que ela se aninhasse junto dele.

— Oh, querido! Estou atordoada... Está acontecendo tudo tão rápido...

— Acho que merecemos isso, depois de tanta espera — afirmou ele, beijando-a no rosto, nos olhos, no pescoço e, finalmente, nos lábios.

O sabor daquele beijo entonteceu-o, contagiando-o e empolgando-o. Ele quase a sufocava, apertando-a nos braços e sugando os lábios dela quase que desesperadamente.

Ela se debateu, pondo as mãos no peito dele e tentando empurrá-lo para poder respirar. Ele a apertou mais ainda e sua boca e língua impediam Juliet de dizer alguma coisa.

Ela se debateu, empurrando-o com força, fazendo-o soltá-la. Lewis ficou olhando para ela com olhos alterados, brilhantes e abertos. Estava trêmulo e, por um instante, por um breve instante, Juliet teve medo dele.

Mas passou logo, quando ele sorriu e respirou fundo, passando as mãos pelos cabelos.

— Eu a desejo tanto que quase a sufoco — confessou ele, com um ar tão adorável que ela esqueceu rapidamente que tivera medo dele.



Após um período que havia sido terrível para Juliet, antes da morte de Arnold pelo dilema em que vira transformado sua vida, após a morte dele com um sentimento de culpa injustificado, ela via, conhecia, finalmente, a verdadeira felicidade. Os preparativos para o casamento absorviam seu tempo. De todos os lados vinham felicitações dos amigos dos dois. Juliet jamais fora tão feliz em toda a sua vida.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

